



ISSN Eletrônico: **2525-5908**

www.revistafarol.com.br

Estudo do processo de alfabetização conforme análises das hipóteses da escrita

Daiane De Lourdes Alves

Katiely Damasceno de Campos

Fernanda da Silva Faria

ESTUDO DO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO CONFORME ANÁLISES DAS HIPÓTESES DA ESCRITA

Daiane De Lourdes Alves¹
Katiely Damasceno de Campos²
Fernanda da Silva Faria³

Resumo: Este presente artigo tem o intuito de mostrar todo o processo de alfabetização pela qual a criança percorre até chegar ao sistema de escrita como também os resultados de análises colhidas de crianças no período de alfabetização. Através de métodos etnográficos, comprando a escrita de cada criança e sua hipótese silábica, obtiveram-se resultados relevantes para uma prática pedagógica bem sucedida. Fundamentando-se em teorias do contritivismo e da psicogênese baseado nos estudos de Emilia Ferreiro e contribuições de Jean Piaget.

Palavras Chaves: Psicogênese; Ensino Aprendizagem; Alfabetização; Prática Pedagógica.

STUDY OF THE LITERACY PROCESS AS ANALYSIS OF THE WRITING HYPOTHESES

Abstract: This article aims to show the whole process of literacy through which the child travels until reaching the writing system as well as the results of analyzes collected from children in the literacy period. Through ethnographic methods, buying each child's writing and syllabic hypothesis, we obtained results relevant to a successful pedagogical practice. Relying on theories of contritivism and psychogenesis based on the studies of Emilia Ferreiro and contributions of Jean Piaget.

Key Words: Psychogenesis; Teaching Learning; Literacy; Pedagogical Practice

OBJETIVOS E METOLOGIA

Esse artigo tem por objetivo comparar as análises das escritas por meio dos resultados obtidos pela pesquisa e contribuir para uma prática pedagógica bem sucedida, embasados em estudos da pesquisadora Emilia Ferreiro sobre a psicogênese que nos leva a uma melhor compreensão de que a criança mesmo antes de saber ler e escrever socialmente elabora hipóteses sobre o sistema de escrita.

A psicogênese da língua escrita mostrou que a leitura e a escrita além de envolver a motricidade, envolve também a percepção, ou seja, a alfabetização inicial é de natureza conceitual/cognitiva, portanto a criança que escreve, escreve sob o comando de um cérebro que é capaz de pensar sobre a escrita que existe em seu meio social através de sua própria

¹ Mestranda em Ciência da Educação, Graduada em pedagogia, pela Universidade Federal de Rondônia. Pós graduada em Educação Infantil, Fundamental e Gestão Educacional; Psicopedagoga clínica e institucional. daianevelho89@live.com.

² Graduada em pedagogia pela UNOPAR

³ Graduada em pedagogia pela UNOPAR

participação em atos de leitura e escrita em seu cotidiano como, por exemplo, elaborar uma lista de compras, uma lista de brinquedos favoritos, uma receita ou uma carta de natal endereçada ao papai Noel.

O professor conhecedor da psicogênese garante em seu espaço escolar um ambiente alfabetizador, proporcionando a criança o contato com a língua escrita, onde ele cria situações de aprendizagem, através do estudo da teoria o professor consegue identificar quando a criança já tem compreensão de que a escrita representa a fala, quando a criança diferencia a sonoridade representa por cada letra, isto é cada sinal gráfico tem uma emissão sonora específica, ou quando a criança ainda não conseguiu descobrir que a representação sonora é o fonema e não a sílaba.

Constatou-se que a toda uma preparação para a alfabetização escolar, antes mesmo que a criança entre na escola, portanto o alfabetizador deve valorizar o que a criança já sabe, os erros que as crianças cometem é uma importante ferramenta para avançarem em seu processo de aprendizagem. Buscar e descobrir em qual nível que cada uma está é importante para que os professores alfabetizadores levem todas ao desenvolvimento da aprendizagem. Para tanto a teoria de Emilia Ferreiro consiste no estudo do processo que as crianças percorrem para se apropriarem da leitura e da escrita, e procura desvendar os mistérios da história pré - escolar desse processo através das hipóteses silábicas.

Os dados a serem estudados foram coletados através de amostras de escritas com oito crianças no período de alfabetização da escola municipal Dionísio Quintino localizada na cidade de Rolim de Moura (RO), com faixa etária de cinco a sete anos, (haja vista que seus respectivos nomes foram preservados, damos a elas nomes fictícios). Todos os dados coletados foram comparados e agrupados conforme as hipóteses silábicas de cada criança.

CONTRIBUIÇÕES DA PSICOGÊNESE NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

A aprendizagem é um processo fundamental da vida, é tão crucial para a sobrevivência do ser humano que foram elaborados meios educacionais e escolas para tornar essa aprendizagem eficiente. Em todos os campos da vida do homem há efeitos da aprendizagem.

Ao longo dos anos muitos pesquisadores se aprofundaram em estudos para entender o ensino aprendizagem trazendo uma gama de teorias e hipóteses que explicam como funciona esse processo.

A Psicologia da aprendizagem, como qualquer outro ramo da ciência, emprega métodos e técnicas científicas para a comprovação de suas hipóteses, ou para o estabelecimento de suas leis e princípios gerais. (CAMPOS, 1991, p. 39)

Segundo a teoria piagetiana o sujeito constrói o seu próprio conhecimento, busca e seleciona informações para aprender, pois nem um conhecimento começa do zero, (ao contrario da teoria empirista que acredita que o interior do sujeito é um espaço vazio onde as experiências se formam através do acúmulo de informações).

Baseando-se nessa teoria construtivista alguns pesquisadores desenvolveram estudos voltados para a historia genética do conhecimento. “[...] a postura piagetiana é profundamente construtivista vê em cada sujeito um construtor ativo de conhecimento e de resolução de problemas [...]” (LANDSMANN, 1993, p.170).

Com base nas idéias de Piaget em relação à leitura e a escrita é necessário criar atividades que levem a criança a pensar para quando amadurecidas o suficiente em relação ao seu aprendizado, estejam prontas para se submeter ao ensino da leitura e da escrita, ou seja, ao contrario de atividades tradicionais de leitura e escrita propor a criança situações problemas que a leve a pensar em como deve resolvê-las.

[...] efetivamente se há aquisição da escrita depende do desenvolvimento cognitivo [...], é inútil começar a ensiná-la ou trabalha-la antes da criança atingir um mínimo de desenvolvimento cognitivo ou maturidade [...] (LANDSMANN, 1993, p.172).

É comum nas atividades produzidas pelas crianças encontrarmos alguns erros, no entanto esses erros fazem parte do processo de alfabetização, portanto são considerados “erros construtivos” e servem para entender como funciona esse processo. Jean Piaget deixa claro que os erros nada mais é que um resultado visível de um processo dinâmico que direciona todo o desenvolvimento.

Com base na teoria construtivista de Piaget Emilia Ferreiro desenvolveu estudos voltados para o processo de alfabetização, elaborou a teoria da psicogênese da língua escrita, onde ela faz um mapeamento do processo que cada indivíduo passa para chegar à escrita alfabética.

O construtivismo não está separado dos aspectos epistemológicos e biológicos da teoria de Piaget discutida acima de fato, construtivismo reflete-se ao processo pelo qual o individuo desenvolve sua própria inteligência adaptativa e seu próprio conhecimento. (DEVRIES, 1992, p.21)

A psicogênese da língua escrita se preocupa em descrever o processo do ponto de vista do aluno, ao contrario do que se pensava anteriormente quando era vista através do ensino tradicional. Tradicionalmente a alfabetização era considerada pela relação entre o método

utilizado e o estado de maturidade da criança. Nesses dois processos de aprendizagem educadores e educando foram caracterizados sem que se levasse em conta a natureza do objetivo do conhecimento.

A psicogênese defende que o conhecimento não é algo que vai sendo colocado para dentro do sujeito e sim algo que é construído pelo próprio aprendiz, portanto a construção do conhecimento não se dá por acúmulos de informações, mais sim pelas hipóteses construídas pelo sujeito, onde ele é confrontado e obrigado a reformular suas hipóteses, na qual o próprio sujeito se apropria da escrita.

A escrita pode ser considerada como uma representação da linguagem ou como um código de transcrição básica das unidades sonoras, estudos sobre o processo de atuação tem mostrado que para se apropriar do sistema de escrita primeiramente à criança precisa aprender o que a escrita representa, ou seja, que a escrita é um sistema de signos que representam à fala e o som das palavras.

A escrita é concebida como um sistema de representação, sua aprendizagem se dá na apropriação de um novo objeto de conhecimento, ou por uma aprendizagem conceitual. No entanto, este conhecimento não é dado a priori, pois no início de todo processo de alfabetização a criança acredita que a escrita é uma forma de desenhar as coisas e não de representação da fala, nesse período a distinção entre desenhar e escrever é de fundamental importância.

Nessa fase a criança não faz uma diferenciação entre o sistema de representação do desenho e o da escrita, mas com o tempo o contato com os dois sistemas, o da escrita e o do desenho vai fazendo com que ela estabeleça uma diferenciação entre os dois, entendendo que se desenha com figuras e se escreve com letras.

No início de sua alfabetização a criança começa a entender as características formais da escrita, ela constrói duas hipóteses; a de que é preciso um número mínimo de letras (entre duas a quatro) para que esteja escrita alguma coisa e que é preciso um mínimo de variedade de caracteres para que uma série de letras sirva para “ler”.

Esses critérios intrafigurais se expressam, sobre o eixo quantitativo, como a quantidade mínima de letras-geralmente três-que uma escrita deve ter para que “diga algo” e, sobre o eixo qualitativo, como a variação interna necessária para que uma série de grafias possa ser interpretada (se o escrito tem “o tempo todo a mesma letra”, não se pode ler, ou seja, não é interpretável). (FERREIRO, 1990, p. 20)

Nessa fase a criança faz várias tentativas de escrever semelhantemente a escrita adulta, registrando as diferenças entre as palavras através de diferenças na quantidade, na posição e

na variedade dos caracteres usados para escrever. Por tanto por não saber o que a escrita representa a criança tenta adequar suas hipóteses a informações que recebe do meio em que vive.

A descoberta de que a escrita representa a fala leva a criança a formular a hipótese silábica considerada um salto qualitativo para quem está aprendendo a escrever, pois se torna possível o acirramento das contradições entre as hipóteses anteriores formuladas pela criança e as informações oferecidas pelo mundo.

A hipótese silábica é caracterizada pela crença de cada letra representa uma sílaba, ou seja, uma emissão sonora. Ao mesmo tempo em que essa informação é falsa, pois em relação à concepção adulta uma letra não pode representar uma sílaba, ela também pode ser considerada necessária, por que através dessa descoberta a criança entende que a escrita representa os sons da fala.

Portanto, podemos dizer que a hipótese silábica é um erro, mais que deve ser transformado em um erro construtivo, pois não é possível chegar à compreensão do sistema alfabético sem saber o que a escrita representa.

Apesar de a hipótese silábica representar um grande avanço do processo de alfabetização ela pode também gerar uma fonte de conflito cognitivo, por que a hipótese silábica pode criar uma contradição entre o controle silábico e a quantidade mínima de letras que uma escrita deve construir para ser interpretada, por tanto, as escritas produzidas pelos adultos sempre terão mais letras que a hipótese silábica permite antecipar.

Contudo professor deve valorizar cada descoberta do aluno tornando todo erro produtivo, possibilitando o avanço para a fase seguinte, entretanto o professor também deve compreender a hipótese em que a criança se encontra para que assim possa questioná-la através de informações adequadas, saber que metodologia utilizar criando uma ponte para que a criança chegue à compreensão do sistema alfabético. “Do ponto de vista construtivo, a escrita infantil segue uma linha de evolução surpreendentemente regular através de diversos meios culturais, de diversas situações educativas e de diversas línguas [...]”. (FERREIRO, 1990, p.18-19)

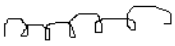
Emilia Ferreiro descreve o processo de alfabetização em três períodos na qual a criança percorre para chegar ao sistema de escrita, esses períodos são denominados pelos professores hipóteses silábicas. Essas hipóteses são as seguintes;

1 - Hipótese Pré – Silábica

Nessa hipótese a criança não consegue compreender que a escrita representa a fala, ou seja, o som das palavras, portanto essa fase é caracterizada pela correspondência entre a representação escrita das palavras e suas propriedades sonoras, a criança não faz uma relação entre letra e som, a hipótese de escrita é estabelecida em relação à quantidade e ao grafismo das letras na tentativa de imitar a escrita adulta. Exemplo:

ALNII → bolo

Portanto, a criança começa a descobrir as características formais da língua escrita construindo duas hipóteses, a de que é preciso um número mínimo de letras para que esteja escrito alguma coisa; e, de que é preciso um mínimo de variedades de caracteres para que uma série de letras sirva para ler como também não pode haver duas letras iguais, uma ao lado da outra, (como algarismo, pseudólitas, bolinhas ou barras).

Nos níveis pré – silábicos, escrever pode ser desenhar, garatujar como segue  no papel, produzir simplesmente letras, etc. Ler pode ser olhar uma folha de papel, virar a página de um livro, falar em voz alta segurando um papel, descrever um desenho, inventar uma história, etc. (GROSSI, 1999, p.20)

No nível pré - silábico a criança não define claramente as categorias lingüísticas, texto, frase, palavra e letra; não busca correspondência com o som, estabelecem suas hipóteses em torno da quantidade de grafismo, varia os caracteres na tentativa de obter palavras diferentes.

2 - Hipótese Silábica

A descoberta de que a escrita representa a fala leva a criança a formular a hipótese silábica, pois, ela começa a usar uma letra para cada sílaba, essa hipótese pode ser considerada como um erro construtivo, porque sabemos que ao mesmo tempo em que uma letra não pode representar uma sílaba com relação à concepção adulta de escrita, sabemos também, que essa hipótese é mais verdadeira que as anteriores, pois, a criança atribui uma relação entre a fala e a escrita. Então, podemos dizer que nessa fase o erro é necessário para criar uma nova hipótese. Exemplo:

A B I
 ↓ ↓ ↓
 PI PO CA

A hipótese silábica é considerada um grande avanço conceitual e uma enorme fonte de conflito cognitivo, porque cria suas próprias condições de contradição entre o controle silábico e a quantidade mínima de letras que uma escrita deve possuir para ser interpretável, por exemplo, para a criança uma palavra monossílaba não pode ser lida além disso a uma contradição entre suas escritas e as escritas produzidas pelos adultos, pois essas têm sempre mais letras do que as hipóteses silábicas permitem antecipar. “É o período em que estes alunos acrescentam letras, sobretudo às suas escritas de palavras dissílabas e monossílabas, como meio de transformá-las em verdadeiras escritas”. (GROSSI, 1999, p.16)

3 – Hipótese Alfabética

É considerado um salto significativo da criança no sistema de escrita, nessa fase o aluno começa a escrever alfabeticamente algumas sílabas, ou seja, a criança passa a entender que cada fonema pressupõe a grafia de um morfema e que a sílaba não pode ser considerada uma unidade e que pode ser separada em unidades menores. Nessa fase a criança pode gerar algumas dificuldades ortográficas, devido à identificação do som e a dificuldade de identificar a letra. . Exemplo:

↓↓↓ ↓
 SAUDADIS – saudades
 ↓ ↓ ↓ ↓
 SECHAMAVA – se chamava

Portanto é importante que o professor de oportunidades ao aluno de convívio com materiais impressos do sistema de escrita, para que assim ele se familiarize com as letras, superando as dificuldades.

Quadro 1 – Resultado da pesquisa

Quadro de evolução das hipóteses sobre as escritas

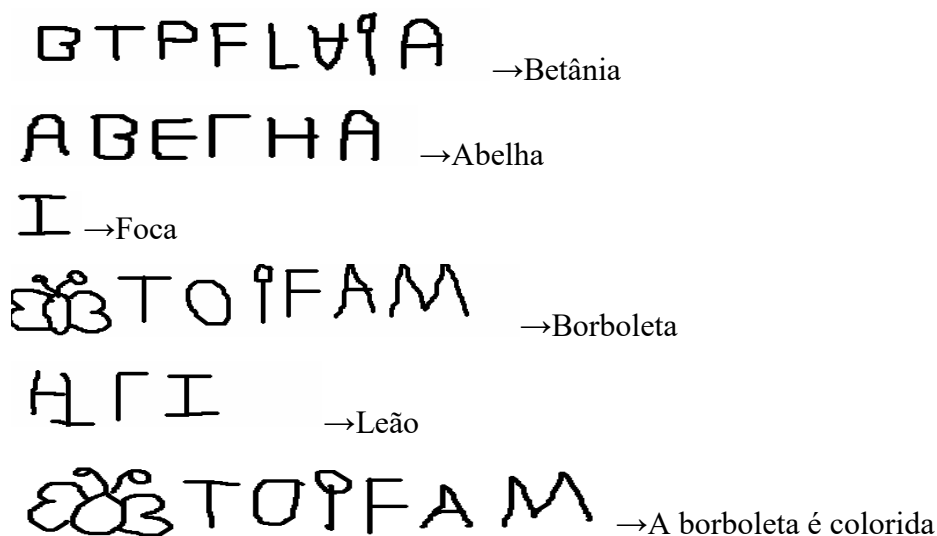
Nomes dos alunos	Idade	Hipóteses	Observações
Betânia	05	Pré-silábica	Esta cursando a pré-escola, seus pais são alfabetizados.
Miqueias	06	Pré-silábica	Cursou a pré-escola, e esta cursando o 1º ano, seus pais são alfabetizados.
Josiane	07	Pré-silábica	Cursou a pré-escola, e esta cursando o 2º ano, seus pais são alfabetizados.
Yuri	07	Pré-silábica	Cursou a pré-escola e esta cursando o 2º Ano, sua mãe é alfabetizada e seu pai analfabeto.
Diego	07	Silábica	Cursou a pré-escola e esta cursando o 2º Ano e seus pais são alfabetizados.
Andressa	07	Silábica	Cursou a pré-escola e esta cursando o 2º Ano e seus pais são alfabetizados
Kayky	06	Silábica	Cursou a pré-escola e esta cursando o 2º Ano e seus pais são alfabetizados
Jaqueline	07	Alfabética	Cursou a pré-escola e esta cursando o 2º Ano e seus pais são alfabetizados

ANALISES DAS ESCRITAS DAS CRIANÇAS.

Por meio dos estudos realizados por Emilia Ferreiro identificamos três níveis pela qual a criança percorre para chegar ao sistema de escrita. Analisaremos cada amostra de escrita realizada pelas crianças observando em que hipótese cada escrita se encontra. Para assim poder contribuir para a compreensão do processo de alfabetização e para propostas pedagógicas que ajudem as crianças a avançarem em seu processo de aprendizagem.

Exemplos de escritas pré – silábicas; Nesse grupo enquadrados as crianças que ainda não sabe o que a escrita representa. Identificamos quatro crianças com esse tipo de escrita.

Betânia de 05 anos não estabelece uma diferença entre o sistema de representação da escrita e do desenho que é uma característica comum das crianças que estão nessa fase, além disso repete muito as letras do seu nome. Ela tenta variar as letras o máximo que pode dentro do seu limitado repertório, o que às vezes faz ela inventar ou inverter algumas letras, como ela fez com o L.



Miquéias, 06 anos já avançou mais que Betânia, pois, já entende que se escreve com letras e não com desenhos, mas ainda não descobriu que as letras representam os sons, por isso também tenta variar o máximo seu repertório de letras e já sabe que palavras diferentes correspondem a escritas diferentes, mas não sabe a que atribuir essas diferenças.

- MIQUEIAS → Miquéias
- LOAELA → Borboleta
- ABLAU → Abelha
- CAICU → Foca
- LACUA → Leão
- ABEACRA → A Borboleta é Colorida.

Josiane e Yury têm sete anos, e em relação às crianças anteriores estão na fase em que uma palavra só pode ser interpretada se tiver uma quantidade mínima de letras, observamos isso na quantidade de letras que eles utilizam para escrever as palavras solicitadas, em todas

elas eles alteram o numero de letras, observamos isso quando escreveram LEÃO e FOCA. Assim como Betânia, Josiane e Yuri também repetem muito em suas escritas às letras de seus nomes.

JOSIANE → Josiane

ASLINA → Borboleta

↓ ↓↓

ARFEA → Abelha

RAEAGE → Foca

SOMSAEAO → Leão

ASLINARSFLS → A Borboleta é Colorido

Yury diferente de Josiane varia a posição das letras e inverte algumas, como por exemplo; a letra M que ele escreveu de cabeça para baixo na tentativa de escrever a palavra abelha (ver anexo 1). Portanto, podemos dizer que mesmo ele estando na hipótese pré-silábica, ele já avançou de uma hipótese para outra, pois, diferente da Betânia não utiliza mais o desenho para escrever e sim diferentes letras em diferentes posições.

No entanto enquanto essas crianças não descobrirem o que a escrita representa, elas continuaram adequando suas hipóteses as informações que recebem do mundo até que cheguem à descoberta de que a escrita representa a fala, levando elas então a formular a hipótese silábica alfabética.

YURI → Yuri

BEARVOL → Borboleta

ABVONMOLONA → Abelha

FUUOMMOA → Foca

ADRVOA → Leão

EUUENO → A Borboleta é Colorida

Exemplo de Escritas Silábicas; Neste grupo encontramos apenas uma criança que utiliza uma letra para representar cada sílaba, ou seja, uma emissão sonora, por exemplo, na palavra ABELHA, a sílaba BE é representada na escrita do Diego apenas pela letra b.

Diego tem 7 anos e está na fase em que sua escrita entra em conflito com outra hipótese; a hipótese da quantidade de caracteres para que um conjunto de letras possa ser interpretado, então ele entra em um conflito cognitivo, pois, há uma contradição entre suas escritas e as escritas produzidas pelos adultos, porque essas têm sempre mais letras do que as

hipóteses silábicas permitem antecipar, por tanto ele vai tentando adequar a suas hipóteses á essas informações que recebe do mundo, é por isso que em algumas palavras varia na quantidade e na variedade das letras, já em algumas outras demonstra que não está centrando a atenção nas variações sonoras entre as palavras, pois repete algumas letras.

↓ ↓ ↓

ROORERA → Borboleta

↓↓

ABRA → Abelha

↓ ↓

CRAC → Foca

↓ ↓

RECRO → Leão

↓ ↓ ↓ ↓ ↓ ↓ ↓ ↓ ↓ ↓

AROORERCRURRIRA → A Borboleta é Colorida.

Exemplo de escritas silábica-alfabética; Neste grupo foram incluídas as crianças que demonstraram estar em conflito entre uma hipótese e outra, por que ao escreverem algumas palavras usam uma letra para cada sílaba, ou seja, relacionam partes do falado a partes da escrita, e ao mesmo tempo na maioria das palavras utilizam mais de uma letra para representar uma sílaba, mostrando assim um grande avanço para a hipótese silábica alfabética, apesar de apresentarem em suas escritas algumas letras questionáveis.

Estão neste grupo Kayky de seis e Andressa de sete anos, embora Kayky produza uma escrita silábica quando escreve a palavra ABELHA usando uma letra para cada sílaba, se compararmos as outras palavras veremos que ele já avançou para o nível silábico alfabético, pois ele está superando a idéia de que utilizamos apenas uma sílaba para escrever, e está descobrindo que a sílaba não pode ser considerada como uma única unidade e sim que ela é reanalisável em elementos menores.

↓ ↓ ↓ ↓

BROIETA → Borboleta

↓↓ ↓

ABLA → Abelha

↓ ↓

VOBILAR → foca

↓ ↓

LELRALOELR → Leão

↓↓↓ ↓↓↓ ↓↓↓ ↓↓↓

ABLEPOLILBFO → A borboleta é colorida.

Assim com Kayky, Andressa está superando a hipótese silábica e avançando para a hipótese silábica alfabética, apesar de variar em algumas palavras, na maior parte utiliza mais de uma letra para representar uma sílaba, como observamos na palavra ABELHA escrita por ela.

Apesar de suas escritas apresentarem algumas letras questionáveis, como por exemplo, a palavra LEÃO terminada com N no lugar de O. Vejamos como ela escreve perfeitamente a palavra FOCA.

↓ ↓ ↓

BOLETA → Borboleta

↓↓ ↓

ABNHA → Abelha

↓ ↓

FOCA → Foca

↓ ↓

LEAN → Leão

BOLETORESORENHA → A Borboleta é Colorida

Exemplo de Escrita alfabética; Nesse grupo encontramos uma criança que já escreve alfabeticamente. Seu nome é Jaqueline ela tem sete anos e já compreende que cada fonema representa a grafia de um morfema, porém, ainda comete alguns erros ortográficos, pois faz pouco tempo que atingiu o nível alfabético. Exemplo: quando escreve borboleta troca o O pelo A, a troca de vogais é muito frequente em suas escritas, como também a omissão de algumas consoantes, veja quando ela escreve BOR de BORBOLETA ela “come” a letra R. Chegamos então a conclusão de que apesar dela estar no nível alfabético, ainda tem muita a aprender, pois, ainda apresenta dificuldades em relacionar o som a letra, mas em comparação

com as crianças analisadas anteriormente a Jaqueline é a que mais sabe, pois já atingiu o nível alfabético.

BABARLETA → borboleta

ABELHA → abelha

FOCA → foca

LEÃO → leão

A BABARLETE É COMLOLIDA → A borboleta é colorida

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através das análises realizadas nesse artigo e as contribuições da psicogênese da língua escrita de Emilia Ferreiro, podemos concluir que dentro de uma sala de aula pode haver crianças com diferentes níveis de conhecimento da língua escrita.

Portanto cabe ao professor conhecer cada nível pela qual a criança percorre para chegar à alfabetização, para que assim possa identificar com mais segurança em que período ela está, tornando mais fácil e eficaz o planejamento de atividades que levem as crianças a avançarem para a hipótese seguinte até que cheguem ao sistema de escrita alfabética.

Por meio de estudos sobre o processo de alfabetização fundamentado nas teorias de Piaget e Emilia Ferreiro descobrimos que as primeiras noções de aquisição da leitura têm seu início antes mesmo da entrada das crianças na escola, essa descoberta faz com que o professor valorize o que a criança traz com si, ou seja, seus conhecimentos prévios e seu contexto social. Também é importante ressaltar que o professor deve considerar o erro da criança um salto qualitativo, por que através desses erros como já citados “erros construtivos” as crianças se desenvolvem até serem alfabetizadas.

Por tanto esperamos com esses estudos contribuir para uma prática pedagógica eficaz como também eficiente no processo de aprendizagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAMPOS, S. M. D. **Psicologia da Aprendizagem**. 2 ed. Petrópolis, Vozes, 1991.
- DEVRIES, R. K.C. **Piaget para Educação Pré – Escolar**. 2 ed. Porto Alegre, Artes Medicas, 1992.
- FERREIRO, E. **Reflexões Sobre a Alfabetização**. 24 ed. São Paulo, Cortez, 1990.
- GROSSI, P. E. **Didática do Livro Pré – Silábico**. vol.1 7 ed. São Paulo, Paz e Terra, 1997.
- GROSSI, P. E. **Didática do Nível Silábico**. vol.2 7 ed. São Paulo, Paz e Terra, 1999.
- GROSSI, P. E. **Didática do Nível Alfabético**. vol.3 5 ed. São Paulo, Paz e Terra, 1996.
- LANDSMANN, T. L. **Aprendizagem da Linguagem Escrita: Processos Evolutivos e Implicações Didáticas**. São Paulo, Ática, 1993.
- REVISTA, N. E. **Emilia Ferreiro, a Estudiosa que Revolucionou a Alfabetização**. Disponível em:
<http://www.escola.abril.com.br/línguaportuguesa/alfabetizaçãoinicial/estudiosa-revolucionou-alfabetização-423543.shtml>. Publicado em 2008. Acesso em 20 novembro 2010
- SALVADOR, C. C. et. Al. **Pedagogia do Ensino**. Porto Alegre, Artes Medicas, 2000.
- WEISZ, T. Como se Aprende a ler e Escrever ou, Prontidão, um Problema Mal Colocado. In: **Ciclo Básico Cenp/Secretaria de Estado da Educação de São Paulo**.

Recebido para publicação em agosto de 2018

Aprovado para publicação em agosto de 2018